

HISTÓRIA DO ESTRUTURALISMO: LA BELLE ÉPOQUE

Juciele Pereira Dias e Daniela Zimmermann Machado[®]

RESUMO^{®1}

Este trabalho tem como objetivo apresentar teóricos que contribuíram para a formação do estruturalismo em *La Belle Époque* (1963-1966), a partir da leitura da obra **História do Estruturalismo** do autor francês François Dosse. Entre os teóricos que deram prosseguimento ao estruturalismo, abordaremos no decorrer da presente leitura, Foucault, Barthes, Martinet, Todorov, Greimas, Lévi-Strauss, Lacan, Althusser, Michel Pêcheux, Kristeva, sendo estes alguns dos que se destacaram nesse período. Procuramos destacar a relação entre esses teóricos que desenvolveram importantes trabalhos que contribuíram com *La Belle Époque*.

PALAVRAS-CHAVE: Estruturalismo, lingüística, la belle époque

O estruturalismo francês teve sua origem com a publicação do **Curso de lingüística geral** do suíço Ferdinand de Saussure, o qual é considerado como o *pai da lingüística moderna*. Neste curso, Saussure, que tem sua obra póstuma organizada pela reunião de anotações de dois alunos, classifica a organização interna da língua como *sistema*, porém seus sucessores a chamarão *estrutura*. A obra foi publicada em 1916. No entanto, consta no prefácio da edição brasileira², que a maior freqüência das reedições e traduções ocorreram na década de 60, ou seja, no mesmo período de *La Belle Époque*.

Durante esse período, compreendido entre 1963 e 1966, o estruturalismo é sinônimo de rigor na Sorbonne³, onde se formaram importantes teóricos como Roland Barthes, graduado em literatura clássica em 1939, e, Michel Foucault, licenciado em Filosofia no ano de 1948.

Já em 1955, na mesma Sorbonne, André Martinet volta dos Estados Unidos para administrar um curso de Lingüística Geral, o qual, no decorrer dos anos 60, aumenta progressivamente o número de alunos. Porém, Martinet recebeu muitas críticas durante sua estada nessa universidade. Segundo Dosse (1997, p.223), Todorov relata que Martinet se limita a ensinar o modo de funcionamento da língua e que a reflexão sobre a literatura, a partir dos novos métodos de lingüística estrutural, está ausente na Sorbonne.

Inconformado com a falta de interesse dos membros superiores da Sorbonne em desenvolver a teoria literária naquela universidade, Todorov busca aliados, e por um membro da Sorbonne que trabalha no domínio literário, Gérard Genette, descobre Barthes. Roland Barthes foi aluno de Greimas, que participa de um pequeno grupo, criado em 1960, com o intuito de expor suas descobertas para conhecimento comum. Nesse grupo chamado Sociedade de Lingüística de Paris (SELF), Greimas começa a desenvolver suas teorias sobre semântica estrutural, as quais, com a ajuda de Dubois, serão publicadas na Larousse no ano de 1966.

Em 1960, com alguns crescentes debates gerados pelos novos teóricos do estruturalismo, outras universidades começam a se fortalecer. A faculdade de Besançon, que estava em busca do novo conhecimento estrutural, acolheu as obras de Barthes, Greimas e Lévi-Strauss. Já no ano de 1964, a Universidade de Nanterre abre uma brecha no domínio da Sorbonne e

recebe os lingüistas Bernard Pottier e Jean Dubois. Dubois é um grande amigo de Barthes e o novo grupo resolve chamar para junto de si o lingüista Martinet que está enfrentando algumas dificuldades teóricas na Sorbonne.

Contribuindo para a decadência da Sorbonne, em meados da década de 60, no campo da literatura clássica, ocorre um desentendimento entre Barthes e um docente da Sorbonne, Picard. Posteriormente, um debate entre Picard e Barthes é levado à praça pública, o que faz com que os estudantes conheçam o trabalho de Barthes, dando início a uma oposição à Sorbonne. E em 1966, a publicação de **Crítica e verdade** leva uma geração de estudantes a contestar o saber acadêmico, contribuindo para tornar esse ano do apogeu do paradigma estruturalista.

Em 1965, com Lacan, um novo campo de estudos agrupa-se ao estruturalismo, a psicanálise. Lacan pensava que a estrutura estava no inconsciente e essa teoria é perceptível em virtude do lugar que nela desempenha o significante.

Para além de todas as diferenças, Claude Lévi-Strauss, Algirdas-Julien Greimas e Jacques Lacan constituem, em meados da década de 60, o trio do estruturalismo mais cientista, mais radicalmente voltado para a pesquisa de uma estrutura profunda, escondida, oculta, que se trate dos âmbitos mentais como estruturas para Lévi-Strauss, do quadrado semiótico para Greimas ou da estrutura a-esférica do sujeito de Lacan. (DOSSE, 1997: p.253).

Nos anos 50, Lacan adotou de Saussure a noção de signo (significante/significado). Porém, segundo Dosse (1997: 273), não existe semelhança do significante em Saussure

e em Lacan. A noção de significante emancipou-se da noção de significado e ganhou autonomia. Nos anos 60, ela ganha importância quando o significado representa o sujeito para um outro significante. Para Lacan, a cadeia do significante tem seu funcionamento no inconsciente, mas, para Lévi-Strauss, ela está na representação de mitos entre si, o que permite ter acesso à significação da mitologia.

Em 1962, Lévi-Strauss publicou duas obras: **O Pensamento Selvagem** e **O Totemismo Hoje**. Na primeira, Lévi-Strauss apresenta o pensamento mítico como tão estruturado quanto o pensamento científico. E na segunda, com o capítulo final **História e dialética**, o qual faz referências às teses de Sartre, acaba gerando um novo debate em *La Belle Époque*, entre os teóricos Lévi-Strauss e Sartre.

A década de 60 foi um período marcado por amplas discussões e confrontos em torno do conhecimento. E segundo Dosse (1997: 270), para ser um bom estruturalista, é necessário fazer-se lingüista, antropólogo, com uma pitada de psicanálise e de marxismo. A mesma polêmica acontece quando o marxismo é introduzido na lingüística por Althusser nos anos 60. Althusser estava engajado no marxismo-leninismo, e Desanti se desfazia de compromissos, tendo rompido com o Partido Comunista Francês (PCF) em 1958.

Althusser, licenciado em filosofia em 1948, teria apresentado, nesse período, um marxismo cartesiano, constituído de idéias claras e distintas, o que proporcionava aos intelectuais o orgulho em ser comunista. Em 1961 – 1962, inicia um seminário sobre o *jovem Marx* e tem entre seus ouvintes Michel Pêcheux que possui uma sólida formação lingüística. E em 1965-1966,

tendo tido como professor um discípulo de Althusser, Pêcheux irá entusiasmar-se com o conceito *althusserismo-lacanismo*. Conceito gerado a partir de 1963, quando Lacan alia-se a Althusser contra o humanismo e o psicologismo, ou seja, unem-se numa corrente anti-revisionista. Essa corrente será contrária à revisão do marxismo pelos soviéticos e a direção do PCF, e contra a revisão do freudismo pelos herdeiros oficiais da Associação Psicanalítica Internacional.

Michel Pêcheux, influenciado por Althusser, pensava que a melhor maneira de fazer filosofia nos anos 60, era no campo das Ciências Sociais. E assim, em um laboratório de psicologia social da Sorbonne, em uma disciplina que na época seria contrária aos ideais althusserianos, organiza um pequeno grupo de trabalho e tenta aplicar as teses de Althusser na lingüística. Posteriormente esse trabalho terá prolongamento com outros estudiosos em Nanterre. Em um segundo estágio, Michel Pêcheux vê a verdadeira realização do seu trabalho, a partir da ideologia inserida nas Ciências Sociais. Pêcheux espera transformar a ideologia, que possui uma proximidade com a prática política, em um instrumento científico do discurso.

A orientação que Pêcheux dá à análise do discurso inscreve-se no interior da concepção althusseriana de ideologia, erigida em verdadeiro sujeito do discurso, elemento universal da existência histórica. (DOSSE, 1997: p.348)

Enquanto estava na Sorbonne, Pêcheux utilizou o pseudônimo de Thomas Herbert, para assinar artigos em **Les Cahiers pour l'analyse**, que tem sua primeira publicação no ano de 1966, *o ano-luz, o ano estrutural*. Nesse ano dá-se o apogeu do estruturalismo, no qual ocorreu o maior número de

edições e reedições de obras estruturalistas, assim como o surgimento de muitas revistas.

Contudo, esse estruturalismo gerado por Saussure, e proliferado por lingüistas como Barthes, na crítica literária, Lacan, na psicanálise, Althusser, no marxismo, vem a atingir o seu ponto culminante com o acontecimento editorial do ano, a edição da obra **As Palavras e as Coisas** de Michel Foucault. A obra teve seus exemplares rapidamente esgotados, sendo necessário reimprimi-los por três vezes mais durante o mesmo ano.

Segundo Dosse (1997), é durante esse apogeu do estruturalismo, que chega a Paris, a jovem búlgara Julia Kristeva, a qual reencontra Todorov tornando-se aliada na estrutura da teoria literária e contribuindo para a afirmação do estruturalismo francês. Ainda no final dos anos 60, Kristeva e Todorov introduziram o russo Mikhail Bakhtin entre os estudos que estavam desenvolvendo.

Mikhail Mikhaïlovitch Bakhtin⁴, nasceu em Moscou e graduou-se em Letras, História e Filosofia. Posteriormente ele saiu do Oriente, num momento em que se tornava forte o debate na Rússia em torno do estruturalismo, da semiótica, dos métodos de literatura, lingüística e análise cultural.

Assim, ao chegar no Ocidente, segundo Freitas (1999), teóricos estruturalistas, semióticos e marxistas disputavam a presença de Bakhtin em suas correntes, tornando assim mais fácil a publicação de um número maior de livros com o nome desse autor russo.

CONCLUSÃO

Após a apresentação dos trabalhos realizados por teóricos de diferentes áreas, como marxismo, antropologia,

psicanálise, observamos que esses estudiosos buscaram incorporarem-se ao estruturalismo ainda centralizado na rigorosa universidade de Sorbonne.

A partir disso, concluímos que o período de *La Belle Époque* foi de extrema importância para o estruturalismo pois foi através dos diversos debates ocorridos nesse período, que esses teóricos conquistaram um espaço para apresentar suas idéias, colaborando para tornar o ano de 1966 um marco na história do estruturalismo francês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOSSE, F. *História do estruturalismo, v.1: o campo do signo*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: Unicamp, 1993.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. *Vygotsky e Bakhtin: Psicologia e Educação; um intertexto*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1999.

ORLANDI, Eni P. *O que é Lingüística*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1916) *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix. s/d.

NOTAS

© Alunas do Curso de Letras da UFSM participantes do GEL – Santa Maria.

¹ Trabalho vinculado ao Grupo de Estudos Lingüísticos de Santa Maria, sob a orientação da Prof. Dr. Amanda Eloina Scherer.

² Ferdinand de Saussure, *Curso de lingüística geral – Prefácio à edição brasileira* de Isaac Nicolau Salum. Editora Cultrix, São Paulo, 1972, p.XIV.

³ Universidade francesa fundada por Robert de Sorbon em 1257, fechada durante a Revolução Francesa e anos depois reorganizada por Napoleão firmando-se como a maior universidade da França.

⁴ Freitas, Maria Tereza de Assunção. *Vygotsky e Bakhtin: Psicologia e Educação; um intertexto*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1999.